

TE 296

Jornada Capixaba de Teatro, I

BR. TBES. C. 779

9

TEATRO

A primeira experiência, com um texto de Molière

Na sequência da I Jornada Capixaba de Teatro, realizada durante esta semana e estendendo-se até a próxima segunda-feira, foi apresentada, no Teatro Carlos Gomes, às 20 horas de quarta-feira, a peça **Médico à Força**. O texto é de Molière e, a montagem de um grupo de Barra de São Francisco, ligado à Comissão Municipal do Mobral, daquela cidade.

Médico à Força conta uma estória passada no campo, em tempo antigo, e relata o conflito originado pela escassez dos meios de vida que, também no meio rural, é um problema que já aparece cedo. Numa família fazendeira, a filha é impedida de se casar com o homem que ama, pois este não tem dotes. Invento, então, uma doença incurável que movimenta todo o enredo e culmina com a vinda de um médico charlatão, que, no final, acaba resolvendo a situação dos dois.

Formado há dois anos pela funcionária do Mobral de Barra de São Francisco, Dilma de La Fonte, este grupo só veio a se apresentar em palco uma vez, este ano, com a mesma peça. Devido à dificuldade inicial de se constituir em um grupo coeso, o **GTR**, como é chamado o grupo, nunca havia conseguido ensaiar e manter um elenco fixo. Muitos desistiam, por diversos motivos, e o fato é que somente neste ano **Médico à Força** pôde ser encenada. Estão todos estreando no teatro, e daí, segundo a diretora Cristina, a escolha do texto "é de adaptação mais fácil".

Na montagem, destacam-se alguns atores que, desde já, revelam bons potenciais. Zilda

que encarna Jacqueline, a empregada, é um dos destaques. Também Paulo Pires, que faz o papel de Sganarello, também promete, e da mesma forma Irene — que deve, como os demais, no entanto, concentrar-se mais no papel. Falta de tempo para ensaio, despreparo no cenário e uma consequente precipitação, aliados ao fato de ser esta a primeira experiência do grupo, são fatores que sem dúvida, determinaram uma apresen-

tação não muito satisfatória. — Queremos pegar agora uma peça mais fácil, diz Cristina, a diretora. Tudo, desta vez, foi de última hora; inclusive o cenário, que foi improvisado. Pisar no palco do Carlos Gomes foi também algo que assustou um pouco.

A linha de humor de **Médico à Força**, em termos de cenografia e signos utilizados pelo grupo, é grotesca e lembra, às vezes, enfadonhos programas humorísticos da falecida TV Tupi. Chega-se a rir de cansaço, e há passagens na peça que chocam realmente. Uma delas é o número em que um ator toca violão, fora de cena (uma espécie de entreato) e a atriz Penha canta, sem olhar, por um só minuto para o público e lendo a música num papel. Lastimável. O que se poderia salvar neste grupo talvez fosse o fato de ele ser o único de Barra de São Francisco, onde, segundo a fundadora, "ninguém entende nada de teatro", e, portanto, houve tentativas de se fazer um trabalho neste sentido. Tentativas essas que, somente se acrescidas de maiores pesquisas, poderão dar bons frutos. (Chico Neto).